

TURISMO E ENSINO: APROXIMAÇÕES E POSSIBILIDADES

Claudemira AZEVEDO ITO*

Resumo: Este trabalho trata de dois momentos da história do turismo, com diferenças marcantes quanto à época e perfil do viajante, mas com motivações similares, relacionadas especialmente ao conhecimento. O período entre os séculos XVI e XVIII foi fundamental para fortalecer a associação entre turismo e conhecimento, pois naquela época, quando os meios de comunicação eram precários e havia pouca circulação de livros, o “*tour*” foi a forma encontrada para “conhecer o mundo. Aprender línguas, Geografia, História, Sociologia entre outras era realizado através do “Grand tours”. Estas, viagens de ida e volta, eram praticadas por jovens da elite acompanhados de professor particular. No final do século XVII, o turismo era prática restrita aos filhos da aristocracia e da pequena nobreza. Com a convicção de que viagens atraíam viagens, as famílias ricas adquiriram o costume de proporcioná-las a seus filhos, com o objetivo de aprenderem línguas, além de “edificar-se e distrair-se”.

Palavras-chave: Turismo, turismo pedagógico, história do turismo.

TOURISM AND EDUCATION: OPPORTUNITIES AND APPROACHES

Abstract: This paper deals with two moments in the history of tourism, with major differences in age and profile of the traveler, but with similar ideals, especially related to knowledge. The period between the sixteenth and eighteenth centuries was crucial to strengthen the association between tourism and knowledge, for those times when the media were poor and had

* Endereço eletrônico: ito@fct.unesp.br - Departamento de Geografia Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente-Unesp.

little circulation of books, the "tour" was the means to "see the world . Learn languages, geography, history, sociology and others was done through the "Grand Tours". These, travel back and forth, were practiced by elite youths accompanied by a tutor. At the end of the seventeenth century, tourism was a practice restricted to the children of the aristocracy and gentry. With the belief that travel trips attracted the wealthy families acquired the habit of providing them to their children, in order to learn languages in addition to "build up and distracted."

Keywords: tourism, educational tourism, history tourism.

1. Introdução

A união entre turismo e conhecimento criada pelo *Grand Tourist* dos séculos XVII e XVIII merece atenção, pois com o crescimento do turismo em nível mundial nos dias atuais, os roteiros oferecidos pelas operadoras e agências de viagens atendem preferencialmente a demanda de lazer de massa. Existem, sem dúvida, mas em muito menor número, itinerários culturais e de conhecimento, com foco no público que viaja com os mesmos objetivos do *Grand Tourist* - aprender.

Hoje, dentro da segmentação do mercado, o Turismo Pedagógico tem a sua motivação no processo ensino-aprendizagem. Caracteriza-se pelas viagens com fins educativos e não de lazer, mas sempre privilegiando o lúdico e a diversão. Seus defensores afirmam que uma excursão dá encantamento à educação, pois motiva os alunos em ambiente diferente do da escola.

A atividade deve ser organizada e desenvolvida por equipes multidisciplinares formadas por bacharéis em Turismo e professores de diversas áreas. O projeto deve contemplar algum tipo de deslocamento do ambiente escolar, como por exemplo, visitas a museus, indústrias e parques ou participação em acampamentos. Essa vivência prática reafirmará conceitos construídos na sala de aula, possibilitará também ampliar a interação dos estudantes e contribuirá para o processo de ensino e aprendizagem através de aulas mais dinâmicas, aproximando o professor do aluno, que terá mais possibilidades de expor conceitos e informações adquiridas fora da sala de aula.

O turismo pedagógico pretende resgatar o sentido do *Grand Tourist*, que viajava contemplando, anotando suas observações e descobertas, saboreando os lugares com suas particularidades e similaridades, para quem viagem era sinônimo de conhecimento e saber, e não de consumo.

2. *Grand Tour*: Viagem para o prazer do conhecimento

A curiosidade e a necessidade dos homens de conhecer e descobrir lugares e povos diferentes, há muito impulsionam as viagens. Desde os tempos mais remotos, elas constituíram grande fonte de conhecimento e descobertas.

Na Antiguidade e na Idade Média, foram muitas as contribuições para o incremento das viagens e, paulatinamente, com o desenvolvimento técnico e a ampliação do conhecimento geográfico, elas foram se tornando mais frequentes e mais longas. Apesar do desconforto pela falta de estradas e de hospedagem ao longo das rotas, o fluxo de viagens aos poucos aumentou.

As motivações eram fundamentalmente associadas ao comércio, à fé e à conquista de riquezas, ou seja, os viajantes eram mercadores, peregrinos ou aventureiros/exploradores. Havia, ainda, os clérigos e representantes dos senhores feudais ou dos reis, que seguiam as rotas em missão oficial ou de fé.

O período entre os séculos XVI e XVIII foi fundamental para fortalecer a associação entre turismo e conhecimento, pois naquela época, quando os meios de comunicação eram precários e havia pouca circulação de livros, o “*tour*” foi a forma encontrada para “conhecer o mundo. Aprender línguas, Geografia, História, Sociologia entre outras era realizado através do “Grand tours” ou “Petit tours”.

Salgueiro (2002), pesquisando diários de viagens do século XVIII, traçou o perfil desse fenômeno social da época. Nesses textos foram destacados os destinos, as rotas, os meios de transporte e hospedagem, assim como os guias de viagem. A autora define o novo tipo de viajante, surgido no século XVIII, fruto das manifestações e transformações ocorridas na Europa devido à Revolução Industrial:

Trata-se aqui não do viajante de expedições de guerras e conquistas, não do missionário ou do peregrino, e nem do estudioso ou cientista natural, ou do diplomata em missão oficial, mas sim do *grand tourist*, conforme era chamado o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos, com um gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes. Um viajante dispendo acima de tudo de recursos e tempo nas primeiras viagens registradas pela historiografia da prática social de viajar por puro prazer e por amor à cultura. A viagem por prazer, não como um ato isolado por um ou outro viajante mais excêntrico e curioso, mas sim como um **fenômeno social**, configurando fluxos com origens e, sobretudo, destinos específicos, na verdade começou a assumir seus contornos já ao final do século 17. (SALGUEIRO, 2002, p. 291, grifo nosso).

Os “tours”, viagens de ida e volta, eram praticados por jovens da elite acompanhados de professor particular. Segundo Salgueiro (2002, p.291), no final do século XVII, o turismo era prática restrita aos filhos da aristocracia e da pequena nobreza. Com a convicção de que viagens atraíam viagens, as famílias ricas desenvolveram o costume de proporcioná-las a seus filhos com o objetivo de aprenderem línguas, além de “edificar-se e distrair-se”.

O fenômeno do *Grand Tour* surgiu e se difundiu na Inglaterra, e alguns apontam o isolamento territorial como fator primordial para o desenvolvimento dessa prática. Outros, porém, afirmam que a situação socioeconômica e de liderança política, comercial e industrial daquele país foram determinantes para criar um segmento populacional com condições financeiras de viajar por longos períodos em busca de prazer e conhecimento, sem a necessidade de trabalhar.

Os destinos e as rotas eram diversos, alguns iam até os Países Baixos e a França. Entretanto, o circuito completo incluía Paris e as principais cidades italianas: Roma, Veneza, Florença e Nápoles. No século XVIII, esse roteiro que durava até três anos, constituía uma grande prova de resistência e coragem, sendo uma prerrogativa eminentemente masculina.

Iniciava-se com a aventura de atravessar o Canal da Mancha em embarcação a vela e prosseguia-se em carruagens, a cavalo ou a pé. Na travessia de áreas montanhosas, como os Alpes, às vezes se utilizavam liteiras, carregadas por trabalhadores montanheses, dependendo das posses do viajante.

As acomodações eram sempre muito precárias, faltavam hospedarias e restaurantes. Na ausência desses serviços, buscavam-se abrigo e alimentação nas residências dos habitantes locais mediante algum pagamento. Muitas vezes os viajantes se hospedavam em instalações insalubres e sujas, faziam sua própria comida e tinham que dividir aposentos com desconhecidos. Somente nas cidades maiores, como Roma, havia hospedarias consideradas razoáveis para o padrão da época.

Entretanto, os desconfortos da viagem eram esquecidos diante do prazer do conhecimento, da visitação *in loco* de monumentos históricos e arqueológicos.

A recompensa a tantos sacrifícios na viagem era a possibilidade de poder verificar *in loco* os monumentos que se conhecia até então apenas de ouvir falar, de ler nos diários de viagem dos outros, ou de ver em livros de estampas que iam surgindo nos principais pólos culturais europeus. Era tal o interesse do *grand tourist* por antiguidades que as dificuldades não chegavam a propriamente detê-lo em sua avidez por monumentos do passado. No culto ao antigo característico do século 18 a viagem desempenhou um papel muito importante no reconhecimento, assim como na descrição e representação visual de monumentos. Pode-se dizer que foi com os *Grand Tours* que se iniciaram os estudos sistemáticos da ainda embrionária ciência da arqueologia e as primeiras teorizações modernas sobre conservação/preservação de monumentos históricos, questão que tem atraído tantos debates desde Ruskin e Violet-le-Duc. Sob o olhar de viajantes que viam no estudo dos antigos o sentido maior de sua viagem, monumentos puderam ser localizados, identificados e estudados, para serem por fim tornados conhecidos do público em obras ilustradas e pioneiras de arqueologia e de história da arte e da arquitetura (SALGUEIRO, 2002, p. 300).

Esse interesse crescia à medida que eram reveladas as ruínas das cidades de Pompeia e Herculano que ressurgiam sob as cinzas e lavas da erupção do Vesúvio, em 79 d.C. Os objetos recuperados nas escavações eram foco de grande curiosidade: estátuas, mobiliários, colunas de mármore e louças eram expostos e aguçavam o interesse dos viajantes.

O objetivo do *Grand Tour* de ampliar o conhecimento sobre a história e a arte dos antigos, um hábito aristocrático e altamente em moda, pressupunha a elaboração de um diário de viagem, e, se possível, a ilustração dos monumentos observados. A escrita do diário e a ilustração faziam parte de um ritual metodológico que ia se impondo, cujo ponto alto era a sua publicação, ao retorno do viajante, o que ampliava o conhecimento e despertava o interesse dos leitores para novos projetos de viagem e novos conhecimentos. A publicação conferia também bastante prestígio ao autor, que procurava referir-se a passagens históricas e a textos da literatura clássica para estabelecer relações com o que era visto no ato da viagem, pois isso denotava um saber em moda e compartilhado com o público leitor. (SALGUEIRO, 2002, p. 301).

A realização da viagem era antecedida de planejamento e estudos. As rotas deveriam estar em consonância com os temas a serem estudados: Artes, Literatura, Geografia, História, Arquitetura, Botânica, entre outras áreas de conhecimento, eram necessárias para o viajante, que deveria ter familiaridade com as temáticas e com os lugares a serem visitados, o que lhe daria maior prestígio social.

A aristocracia dos séculos XVII e XVIII valorizava a arte como elemento básico da sociedade, e por isso era parte essencial da viagem, tanto através da contemplação como da sua produção. Parte dos viajantes era composta por artistas, mesmo que amadores, e outros os contratavam para acompanhar e registrar as paisagens e fatos dos lugares, de modo que os desenhos e gravuras eram valorizados como forma de registro e comprovação de tudo que era visto e descoberto. A produção artística de pinturas e gravuras tinha como tema central as paisagens panorâmicas ou

particularidades, como estudos geográficos (vulcão, vales, praias) ou de interesse histórico (monumentos, fachadas e seus detalhes).

Essa necessidade do viajante de registrar paisagens e fatos de seus itinerários fortaleceu o trabalho dos artistas que retratavam as cidades e seus monumentos, assim como os campos e os costumes dos povos. O Vedutismo italiano nasce para atender essa demanda e influencia as artes em toda a Europa. É o olhar do turista, apreciador de arte e cultura, fomentando o mercado das artes e determinando estilo. “Muitos artistas vieram a produzir uma arte específica para o viajante, trabalhando para um mercado fundado nesse novo hábito dos ricos - viajar por prazer e para se edificar, tendo o antigo como paradigma” (SALGUEIRO, 2002, p. 305).

É importante destacar que o *Grand Tourist*, de gosto e educação refinada, é responsável “pelo culto ao cenário natural dentro de uma abordagem estética sublime”.

Uma sensibilidade especial acompanhava, pois, o *grand tourist*, permitindo-lhe viver emoções que seriam transportadas para seus relatos e registros visuais. O trajeto pelo Monte Cenis, por exemplo, conduzia o viajante ao contato com uma paisagem onde, pela altura das montanhas e precipícios, a visão de uma enorme distância, avalanches, o frio intenso e a neblina espessa, tudo impressionava segundo termos como “infinito”, “grandioso”, “interminável”, desconhecidos para descrever a paisagem pelos que nunca, até então, haviam deixado sua região de origem, na Inglaterra, França ou Alemanha (SALGUEIRO, 2002, p. 305).

Tuan, ao definir o termo topofilia, descreve os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente.

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra (TUAN, 1980, p.107).

O ritmo e a velocidade dos deslocamentos faziam com que o viajante tivesse maior contato com o lugar, sentisse as condições atmosféricas na pele e detivesse o seu olhar nos detalhes da paisagem: profundidade dos vales, meandros dos rios, formato dos platôs e picos, cor da rocha e do solo, diversidade e tamanho das espécies da fauna e da flora, enfim, sua observação capturava nuances e cores que passam despercebidas na velocidade dos automóveis e aviões dos turistas contemporâneos.

A união entre turismo e conhecimento criado pelo *Grand Tourist* dos séculos XVII e XVIII merece atenção, pois com o grande crescimento do turismo em nível mundial nos dias atuais, os roteiros oferecidos pelas operadoras e agências de viagens atendem preferencialmente à demanda de lazer de massa. Existem, sem dúvida, mas em muito menor número, itinerários culturais e de conhecimento, com foco no público que viaja com os mesmos objetivos do Grand Tourist- aprender.

3. Turismo Pedagógico

Dentro da segmentação do mercado, o Turismo Pedagógico tem a sua motivação no processo ensino-aprendizado. Caracteriza-se pelas viagens com fins educativos e não de lazer, mas sempre privilegiando o lúdico e diversão. Seus defensores afirmam que a excursão dá um encantamento para a educação, pois motiva os alunos em ambiente diferente do da escola.

Fonseca Filho (2007) apud Rodrigues (2008), fundamentando-se em diversos autores, afirma que o turismo pedagógico “é aquele que serve as escolas em suas atividades educativas que envolvem as viagens, cuja finalidade é o conhecimento”, e enfatiza o caráter pedagógico, mesmo havendo momentos de lazer, pois a prática educativa estimula e sensibiliza os estudantes sobre o respeito aos monumentos e patrimônios culturais.

Vinha (2005), ao propor o turismo pedagógico como possibilidade de ampliação dos espaços da escola afirma que:

[...] um dos principais sentidos das atividades ligadas ao Turismo Pedagógico está na possibilidade de ampliação das demandas dos estudantes, pois a escola em geral, centra suas atividades nas demandas dos professores, esquecendo-se que os estudantes precisam de envolvimento ativo para a construção do conhecimento e da formação da cidadania. Na educação infantil, damos às crianças, diversos materiais como blocos, areia, para construir; tempo para brincar; propomos passeios; depois, pelo resto de sua escolaridade, retiramos tudo isso e queremos que elas sejam criativas, profissionais competentes (VINHA, 2005, p. 2).

A proposta da área de Geografia apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) aponta na direção do aproveitamento dessa prática no estudo da paisagem, com a orientação de que

[...] é preciso observar, buscar explicações para aquilo que, numa determinada paisagem, permaneceu ou foi transformado, isto é, os elementos do passado e do presente que nele convivem e podem ser compreendidos mediante a análise do processo/organização do espaço” (BRASIL, 1997, p. 74).

Nessa proposta, a experiência vivida pelo estudante é valorizada, lembrando que o espaço geográfico é historicamente produzido pelo homem e que a percepção de cada indivíduo é marcada por laços de afetividade e referência socioculturais. Assim, o estudo de uma totalidade, isto é, da paisagem como síntese de múltiplos espaços e tempos deve considerar o espaço topológico – o espaço vivido e percebido – e o espaço produzido economicamente como algumas das noções de espaço dentre as tantas que povoam o discurso da Geografia (BRASIL, 1997).

A valorização da percepção ocorre pelo reconhecimento de que a paisagem ganha significado para aqueles que a vivem e a constroem, e se reconhecem a partir do lugar.

A categoria paisagem, por sua vez, está relacionada à categoria de lugar. Pertencer a um território e sua paisagem significa fazer deles o seu lugar de vida e estabelecer uma identidade com eles. Nesse contexto, a categoria lugar traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos que racionais e objetivos: uma praça, onde se brinca desde menino, a janela de onde se vê a rua, o alto de uma colina, de onde se avista a cidade. O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. (BRASIL, 1997, p.76).

A Geografia, desde os primeiros ciclos, tem por objetivo mostrar ao aluno que cidadania pressupõe o sentimento de pertencimento a uma realidade, onde sociedade e natureza interagem e estão em constante transformação, onde ele (aluno) se reconheça como indivíduo participante, historicamente responsável e afetivamente ligado.

Dessa forma, fortalece-se o turismo pedagógico:

O que se pretende com essas atividades é a organização de situações de aprendizagens, relacionadas a conteúdos curriculares, a valores éticos e estéticos, além de atitudes formativas, tais como o desenvolvimento da capacidade de iniciativa e solidificação de amizades; respeito ao outro e fortalecimento da noção de pertencimento a um grupo ou a um ecossistema; experiência de autonomia; elaboração conjunta de regras de convivência, dentre outras (VINHA, 2005, p. 6).

A metodologia de trabalho proposta por Vinha (2005) é dividida em três etapas. A primeira, o planejamento, é a fase de organização em que, com a participação dos estudantes num processo democrático, definem-se o lugar a ser visitado e a pesquisa sobre ele, bem como as regras de conduta. A segunda etapa é a “execução propriamente dita, através da observação e

coleta de dados, da fruição do prazer de dirigir o olhar para uma paisagem” (VINHA, 2005, p.7). A terceira é composta pelas atividades de retorno, “através da sistematização de conhecimentos, de montagens de relatórios, de organização de painéis com fotos, com desenhos e textos, podendo-se

contar atualmente, com os recursos multimídia advindos dos computadores e da Internet” (VINHA, 2005, p. 7).

A autora destaca que os alunos participantes do projeto de turismo pedagógico podem acompanhar *in loco* atividades de produção dos diversos setores da economia, ou seja, a

[...] execução de atividades voltadas para o senso de processo deve ser acompanhada pela busca de aspectos históricos e culturais que contribuam para que determinadas características estivessem presentes naqueles produtos ou naquela configuração de serviços (VINHA, 2005, p. 7).

Alem disso, alerta para que a apresentação dos resultados e conclusões das atividades desenvolvidas deve utilizar toda a diversidade possível de linguagens e recursos estéticos, permitindo que os alunos demonstrem suas habilidades artísticas.

Há o grande desafio de transformar os passeios e excursões escolares, de simples atividade de lazer ou um prêmio no final do ano ou de uma gincana, em atividade pedagógica, estruturada no modelo de plano de aula, cujo roteiro e objetivos são construídos em exercício coletivo. Sua validade aumenta à medida que articula diversas áreas de saberes e temas transversais. Podem ser explorados no mesmo projeto conceitos de Geografia, História, Educação Ambiental, Cidadania, e outros das mais diversas áreas de conhecimento sem, contudo, perder as possibilidades do divertimento, do prazer e do lúdico, aspectos tão importantes e inerentes ao turismo.

Finalizando, as propostas de turismo pedagógico devem primar pelo conteúdo e pelos aspectos cognitivos e afetivos do processo ensino-aprendizagem, pois esse é o espaço da aprendizagem com prazer, que objetiva a convivência, o debate, a crítica e a ampliação do conhecimento.

O turismo pedagógico pretende resgatar o sentido do *Grand Tourist*, que viajava contemplando, anotando suas observações e descobertas, saboreando os lugares com suas particularidades e similaridades, para quem viagem era sinônimo de conhecimento e saber, e não de consumo.

Pode-se afirmar que existe grande relação entre turismo e educação, pois na prática do turismo está presente o processo de aprendizagem, no qual conceitos de diversas áreas do conhecimento são construídos e reelaborados, haja vista que ao visitar um lugar, o turista entra em contato com suas singularidades: expressões artísticas e folclóricas, sua geografia e história, entre outras que podem estimular e enriquecer o arcabouço de conhecimento e conceitos do indivíduo.

4. Referências Bibliográficas

ARENDIT, Ednilson José. **Introdução à economia do Turismo**. 2ª ed. Campinas: Alínea, 2000.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FONSECA FILHO, Ari da Silva. **Educação e Turismo**. (Dissertação) São Paulo: USP, 2007.

ITO, Claudemira A. Turismo: Reflexão sobre a produção científica do tema. In **Anais do 8º Encuentro Internacional Humboldt**. Colón- Argentina- 2006. Digital.

_____ Possibilidades do Turismo: Da concentração de renda à inclusão social. **Revista Dialogando no Turismo**, n.3, v.1, junho, 2007. disponível em < http://www.rosana.unesp.br/revista/artigos_terceira.php>

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LEMOS, Amália I. G. **Turismo**: impactos sócio-ambientais. São Paulo: Hucitec, 1996.

MOLINA, S. **O pós-turismo**. - [144p.](#) São Paulo: Aleph, 2003, [144p.](#)

MOLINA, Sergio E. e RODRÍGUES, Sergio A. **Planejamento integral do Turismo**. 1ª ed. Bauru: Sagrado Coração de Jesus, 2001.

OURIQUES, H. R. **A Produção do Turismo**: Fetichismo e Dependência. Campinas: Alínea. 2005.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: Teoria e Epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUES, Sul, B_rasil Pinto, Educação, Ciências Sociais, Patrimônio e Turismo: Fazer Conhecimento. **Revista Itinerarium**. Rio de Janeiro: Unirio, v.1.2008.

_____. **Turismo e geografia**: – reflexões teóricas e enfoques regionais. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à historia do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel.1980.

VINHA, Maria Lúcia . O turismo pedagógico e a possibilidade de ampliação de olhares. **Hórus**- Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas, Ourinhos, nº 3, 2005.

XAVIER, H. ~~erbe~~, **A Percepção Geográfica do Turismo**, São Paulo: Aleph, 2007.

YAZIGI, C. **Turismo**:— espaço, paisagem e cultura. 2ª Edição. São Paulo; Hucitec, 2000.